

MALYN NEWITT

# NAVEGAÇÕES

*Os Descobrimentos Portugueses  
e a Renascença*

Tradução  
Mário Dias Correia



Texto Editores

# Índice

Introdução .....	11
<b>1</b> A Europa Ocidental e o Mundo Antes do Século xv.....	17
<b>2</b> Os Príncipes da Dinastia de Avis e o Começo da Exploração Marítima Portuguesa .....	63
<b>3</b> A História Social e Económica do Império Atlântico Português .....	107
<b>4</b> A Exploração Portuguesa da Costa Ocidental de África na Segunda Metade do Século xv.....	143
<b>5</b> As Mulheres da Realeza de Portugal na Era dos Descobrimentos .....	185
<b>6</b> Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e o Portugal da Renascença .....	227
<b>7</b> Duarte Pacheco Pereira: O Exemplo Perfeito do Homem da Renascença Português .....	267
<b>8</b> Magalhães: O Navegador Como Herói Épico.....	295
<b>9</b> Compreender as Viagens de Descoberta dos Portugueses: Uma Perspetiva a Longo Prazo .....	337
Notas .....	379
Bibliografia.....	395
Agradecimentos.....	403
Créditos Fotográficos e Agradecimentos .....	405
Índice Remissivo .....	407

## INTRODUÇÃO

Já foram publicadas centenas de livros sobre as descobertas dos navegadores portugueses nos séculos xv e xvi, e todos eles refletem os interesses e as preocupações do tempo em que foram escritos. Na sua maioria, os autores viram nos descobrimentos as primeiras fases do imperialismo europeu e do domínio que os países da Europa estabeleceram sobre a maior parte do mundo, do século xvi ao século xx. Como pode, então, um novo livro recentrar a atenção numa época em que os impérios europeus já não existem?<sup>1</sup>

Qualquer pessoa que quisesse compreender o mundo no século xxi estaria certamente interessada em descobrir as origens da globalização – a interconectividade económica de todas as regiões do planeta e das estruturas da linguagem e da lei que a tornaram possível. Queria remontar às origens da ciência e da tecnologia ocidentais, que foram até certo ponto absorvidas por todos os países do mundo. Queria ter uma visão da história mundial que não fosse tão eurocêntrica e que explicasse a ascensão do poder económico e cultural da Ásia Oriental. Preocupar-se-ia também com o tumulto social e político que parece ter engolfado tantos países islâmicos e com a capacidade que os movimentos religiosos muçulmanos demonstram de espalhar desestabilização, e queria encontrar uma explicação para o continuado fracasso dos esforços de muitos países da África subsariana para conseguir estabilidade económica, social e política. Finalmente, queria conhecer as origens históricas do desastre climático e ambiental que ameaça o mundo.

É imperativo olhar mais uma vez para a história da exploração marítima portuguesa porque ela tem alguma relevância nas questões que delineámos acima. Essa história deve, porém, ser vista menos como uma série de empreendimentos dramáticos e inovadores e mais como uma continuação da tomada de consciência dos europeus da existência dos povos de África e da Ásia e da interação com eles. Ainda que o século XVI tenha assistido à grande expansão do poder imperial da Espanha e de Portugal no Novo Mundo, não foi esse o único grande empreendimento imperialista da época. A construção dos impérios ibéricos aconteceu em simultâneo com a emergência de novos impérios na Ásia: os imperadores mogóis que unificaram a maior parte da Índia; os turcos otomanos que dominaram uma boa parte do Médio Oriente, da Arábia e do Norte de África; a ascensão do poder safávida no Irão, e a expansão de Moscóvia, que construiu o maior de todos os impérios, do Báltico até ao estreito de Bering. Seriam estes Estados imperiais, mais do que o poder marítimo de Espanha e de Portugal, a decidir a trajetória a longo prazo do continente asiático. Dado que as grandes mudanças políticas aconteceram em toda a Ásia no século XXI, a importância das viagens marítimas dos portugueses pode parecer menos significativa. No entanto, foram os portugueses que criaram as redes comerciais e culturais que ligaram o Oriente ao recém-“descoberto” mundo das Américas e lançaram os alicerces das economias globais, dos movimentos de populações e dos sistemas de informação científica do mundo moderno.

### **Uma História de Grandes Homens Contada pelos Próprios**

No seu estudo de 2014 sobre a Renascença em Florença, Alexander Lee escreveu:

Apesar de o conceito de «renascimento» ter sido objeto de um escrutínio constante e crítico (...) a Renascença ainda tende a ser vista em termos das obras e feitos de «grandes homens»

(...) há ainda uma tendência para pensar na época como uma litania de «grandes nomes», como uma lista de «meninos de ouro».<sup>2</sup>

Os historiadores de Arte focam-se hoje menos na ideia de grandes génios individuais do que no esforço colaborativo por trás das grandes obras de arte. Quase todos os mais destacados pintores da Renascença tinham equipas de ajudantes que muitas vezes eram quem fazia uma grande parte da pintura propriamente dita, ou hábeis fundidores que transformavam em esculturas de bronze as maquetas dos artistas. Pode-se dizer exatamente o mesmo dos descobrimentos dos portugueses. O grosso dos livros que têm sido escritos sobre essas viagens dos séculos XV e XVI concentra-se, com raras exceções, numa lista de indivíduos famosos e dos respetivos feitos, e a escrita sobre o tema tende a reduzir-se à tal «litania de uns poucos grandes nomes», um rol de «meninos de ouro»: Gil Eanes, Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral – sem esquecer, claro, Henrique, *o Navegador*.

Quem, partindo do centro de Lisboa, descer o curso do Tejo por alguns quilómetros encontra o Padrão dos Descobrimentos, na margem do rio e frente ao Mosteiro dos Jerónimos. O monumento que hoje ali se ergue foi originariamente concebido em 1939, apesar de só ter ficado concluído em 1960, quando o ditador português, António Salazar, acabava de sobreviver a um sério desafio ao seu regime lançado por um antigo apoiante, o general da Força Aérea Humberto Delgado. Como que para marcar a sua vitória sobre um carismático oponente, Salazar decidiu ordenar a realização de uma grande celebração para comemorar o quingentésimo aniversário da morte do Infante D. Henrique, popularmente conhecido como Henrique, *o Navegador*. O monumento, com 56 metros de altura, assume a forma de uma vela de caravela enfunada, ostenta as armas de Portugal e um cortejo de 33 grandes navegadores, conquistadores, missionários e príncipes reais, juntamente com os cronistas que registaram os seus feitos. Entre eles há uma mulher, a rainha Filipa de Lencastre, mãe do Infante D. Henrique, e um judeu, Jácome de Maiorca. Também lá está